

# JORNAL DO CONSERVATORIO.

## SUPPLEMENTO.

JUNHO 5

*Sexta-feira*

1840.

### A FESTA DO CONSERVATORIO, PELO ANNIVERSARIO DE S. M. A RAINHA,

No Dia do Nome d'El-Rei

**O S. D. FERNANDO.**

I.

**D**omingo passado annunciámos os preparos que se faziam para este festejo, que muitas difficuldades e embaraços materiaes, sempre recrescentes, tinham ido espaçando desde o seu proprio dia, o dos annos de S. M. A Rainha, até que, por delicada e feliz lembrança, se fixou para o do Nome de Seu Augusto Esposo.

Desde o principio d'esta instituição, S. M. A Rainha Se Tinha declarado Sua Protectora; e em janeiro deste anno Se Dignára El-Rei Aceitar a presidencia do Conservatorio, para que fôra Eleito por aclamação de todos os seus membros.

Alem dos motivos geraes de amor e devoção a nossos Principes, havia pois empenho de gratidão, que o Conservatorio procurou satisfazer com a offerta das suas primicias.

O desejo de mostrar á Soberana e á Nação que havia, pelo mênos, vontade, zelo e efficaz perseverança em quem dirige o instituto, nos que ensinam e nos que apprendem, não foi menos forte motivo nem mênos nobre.

A melhor e mais intendida gente da Capital presenciou os resultados: e nós, que attentamente os observámos, vamos historial-os com miudeza escrupulosa, satisfazendo assim á anhelante curiosidade de todos os que não tiveram igual fortuna, e não menos á nossa propria vontade de dar a maior publicidade possível ainda ás menores circumstancias de um facto que per si brada mais alto do que todas as vozes dos amigos que louvam, do que todos os gritos dos detractores que censuram.

Desde as seis horas da tarde começaram a affluir concorrentes e curiosos em torno do theatro do Salitre. A's 7 uma guarda de honra estava postada á espera de SS. MM. e AA.

Uma deputação escolhida pelo Sr. Inspector Geral, d'entre os membros do Conservatorio que se achavam em Lisboa, esperava no vestibulo do Theatro a SS. MM.

Era composta a deputação, alem do mesmo Inspector Geral Vice-Presidente do Conservatorio, dos Srs. Conde de Mello, Bomtempo, Lima Leitão, Gonçallo Vaz de Carvalho, Conde do Farrobo, Alexandre Herculano, José Estevam, Francisco Freire de Carvalho, Duque de Palmella, Francisco Joaquim Maia, Joaquim Larcher, A. Feliciano de Castilho, Augusto Frederico de Castilho, e Abbade Castro.

Alguns minutos antes das oito horas chegou S. M. I. a Senhora Imperatriz Viuva, Duqueza de Bragança, que foi recebida pela Deputação, e acompanhada até á Tribuna Real. Logo depois, S. M. A Rainha, El-Rei, e Seu Augusto Hospede e Primo, o Principe Hereditario de Saxe-Coburgh-Gotha chegaram com toda a sua comitiva e do mesmo modo foram conduzidos até á Sua tribuna. S. A. R. a Sr.<sup>a</sup> Infanta D. Izabel Maria, impedida por sua debil saude, não pôde honrar este acto. A Sr.<sup>a</sup> Infanta D. Anna de Jesus Maria occupava a tribuna immediata á de SS. MM.

Em quanto a grande deputação do Conservatorio estava esperando e recebendo a SS. MM. e AA., o Secretario, o Sr. A. G. Lima, a testa de uma commissão composta do Guarda-mor, do Bibliothecario e dos principaes addidos ao



estabelecimento, recebiam o Corpo diplomatico, a Corte, e os mais convidados, conduzindo as Senhoras aos seus camarotes, e indicando aos homens os seus logares.

A ordem de camarotes, vulgarmente ditto nome, estava occupada d'este modo: a um lado da tribuna Real, seguiam-se, depois da Sr.<sup>a</sup> Infanta D. Anna, os camarotes dos Ministros d'Estado, os dos Duques, do Marquez de Fronteira, dos Condes de Sabugal, e de Lumiares, do Governador Militar, e do Administrador Geral de Lisboa; do outro lado, as Damas de S. M., o Corpo Diplomatico, o Presidente do Senado, o da Camara dos Deputados, o da Camara Municipal de Lisboa, e o Conde do Farrobo, a quem este logar de distincção fôra reservado pelo muito que, alem de outros titulos, bem merecera do Conservatorio, cujo membro é, auxiliando-o n'este seu ultimo empenho com muito effizaz e poderosa coadjuvação.

A segunda ordem e frizas tinham sido, indistinctamente, distribuidas pelas familias dos socios ou de pessoas que por zelo e amor do estabelecimento costumam concorrer aos seus beneficios. A platêa, que leva mais de quinhentas pessoas, era uma platêa como nunca se vira em theatro nenhum da capital. Grandes do Reino, Senadores, Deputados, Ministros d'Estado honorarios, os principaes membros de todos os institutos litterarios, scientificos e artisticos da capital; do corpo da Magistratura, da associação commercial, da dos Advogados, do Banco, das Secretarias d'Estado; os Commandantes dos corpos da guarnição, os jornalistas, todo o genero de illustrações e notabilidades, tinham sido convidados; e todos os logares estavam cheios.

Apenas chegaram SS. MM., a orchestra começou a introdução á *operetta* (ou cantata) allegorica que era principio do divertimento.

Tinha-se distribuido por todos os espectadores um elegante e bem ordenado *libretto* com o programma de todo o festêjo, explicando os titulos das peças, os nomes de seus auctores, os dos alumnos que as executavam, e dos professores, a ordem do spectaculo e tudo quanto era necessario para informação do espectador: continha, além d'isso, as palavras italianas (com a traducção portugueza ao lado) da operetta, e o argumento da dança.

D'este programma, que foi rigorosamente executado, nos ajudaremos, como de guia seguro, para ir direitos em nossa historia.

## II.

### PRIMEIRA PARTE DO ESPECTACULO.

A APOTHEOSE, cantata: musica do Professor do C. Francisco Xavier Migone; poema do Professor do C. Cesar Perini de Lucca.

PESSOAS

ALUMNOS

**EVNUS.** . . D. Henriqueta de Lima de Carva-

lho, Alumna do 3.<sup>o</sup> termo, Discipula da Aula do Professor Francisco Schira (substituido interinamente pelo Senhor Frondoni)

**CAMÕES.** . . Julio Cesar Gallouin Torres, Decurião de 2.<sup>a</sup> Classe, Alumno do 2.<sup>o</sup> t., Discipulo do Professor Antonio Porto.

(côro)

**APOLLO.** . Manuel Germano Rodrigues dos Santos, Alumno do 2.<sup>o</sup> t., Discipulo do Professor Antonio Porto.

1.<sup>o</sup> **BAIXO.** . Antonio José de Souza, Alumno do 2.<sup>o</sup> t., Discipulo do Professor Francisco Schira [substituido interinamente pelo Senhor Frondoni]

2.<sup>o</sup> **DITO.** . Augusto Francisco Toscano, Alumno do 2.<sup>o</sup> t., Discipulo do Professor Antonio Porto.

3.<sup>o</sup> **DITO.** . Eduardo dos Santos Smith, Decurião de 2.<sup>a</sup> Classe, Alumno do 2.<sup>o</sup> t., e Discipulo do Professor F. X. Migone.

Eis-a-qui a idea deste pequeno drama allegorico.

Sentado á sombra de um loureiro nos bosques Idalios [Scena 1.<sup>a</sup>] discanta Camões, em sentidissimas endeixas, as desaventuras da amada patria; géme e pranteia, porque vê a sua Lysia lacerada pelos furores da discordia, postas em esquecimento as bellas artes, deixando estallar as chordas da lyra, e offuscar o brilhante genio que outr'ora a illustrava.

Gradualmente se lhe inflama o peito de nobre indignação; e não ja mesteo vate, mas inspirado propheta, prorômpe em brados de vingança e furor! . . . Mas que voz é essa que, nas azas de perfumada brisa, vêm accalmar-lhe as furias, derramar suavissimo balsamo em seu coração malferido? — A voz canta assim:

La speranza é stella amica

Che ad ogni alma appare ognor;

El' amor non si nutrica

D'anatemi, e di terror! . . .

Quem virá confortar Camões em suas magoas, senão

. . . a linda Ericina que guardando

Estava sempre a gente lusitana!

Transforma-se-lhe a tristeza em alegria, as lagrimas em riso, o furor em esperança; — e parte entregue a seus jubilosos pensamentos.

E lá vem a formosa Venus [scena 2.<sup>a</sup>] queixando-se docemente de que o seu vate se deixou



levar de pezadumes sem se lembrar da mãe carinhosa que não cessa de velar pelos Lusitanos.

Ma non pensasti, ingrato  
Che de Lysia alle sorti io cauta veglio?"

Feliz terra dos portuguezes, objecto dos sollicitos cuidados da mais bella das divindades: — feliz terra portugueza que vaes recobrar teus antigos esplendores! — Venus o promette, e logo é rodeada por um bando de cupidinhos [sc. 3.<sup>a</sup>] que formando graciosos grupos a convidam a ethereo passeio em lindo carro tirado por alvas pombas: — mas Venus lhes impoem silencio, declarando-lhes que se não deve gastar em passatempos aquelle dia consagrado á gloria: quer descer á terra em honra da Rainha dos Lusos cujo Natalicio se festeja; e em quanto que os amores lhe tecem capellas, irá ella dar vigor novo ás artes, e ás lettras para que Lysia se adite sob seus auspicios, e faça immortal o reinado de MARIA

Mentre gli deì sorpresi al suo valore,  
Grideranno d'al cièlo: Onore, onore!

Eis chega Camões (scena 4.<sup>a</sup>); logo começa a animal-o a deusa da formosura; e tanta gloria e felicidade lhe faz ver no porvir da cara patria, que o vate já não sabe de si com jubilo e gratidão. MARIA Excelsa Rainha dos Portuguezes é o penhor e seguro abóno de todas as prosperidades; orná-lhe o seio as virtudes, como lhe enfeitam as graças o affavel rosto. O vate e a deusa já estão compondo uma coroa de oliveira para cingir-lhe a fronte Regia. Então começam de ouvir-se umas longinquas harmonias, e (scena 5.<sup>a</sup>) logo apparece uma aureola celeste e no meio d'ella, sobre um magnifico pedestal, o busto da Rainha de Portugal a Senhora D. MARIA II. Um enxame de lindissimos amores com frescas grinaldas, e artisticos instrumentos lhe fazem gracioso cortejo. Apollo, que preside á apotheose, convida Camões para que vá coroar a imagem da Soberana. Venus e o vate correm gostosos a satisfazer ao convite, em quantoque o irmão das musas exclama:

Figlia di Luso Eròe,  
Che l'orbe intero apprezza,  
Vedi qual dolce ebbrezza  
Spira il tuo nome in Ciel!  
Segue a esser Grande e apprezza  
Il popol tuo fedel.

Todos repetem as mesmas palavras, e a cantata é finda.

O desempenho d'esta pequena opera mais pareceu de professores do que de alumnos; a

todos se avantajou a Snr.<sup>a</sup> D. Henriqueta de Lima de Carvalho, tanto pela voz como pela execução que ostentou. A voz é um perfeito soprano com muita extensão e doçura; sóbe até ao *dó natural*, sustentando-se nas ultimas oitavas com extraordinaria firmeza. Sem o minimo esforço, e como sem o querer, desprende do peito as mais subidas notas, sempre afinadas e puras. O romance *La speranza* &c. é sobretudo cantado com estremado primor e delicadeza: no lindo recitativo com que abre a 2.<sup>a</sup> scena dá ao canto um ar de melancolia e doce queixume, que muito dizem com a poesia que o inspirou.

A cabalèta da aria foi cantada com toda a precisão; e o lindissimo remate da mesma *Siper sempre io le farò* &c. foi um gorgeio mui suave, onde a distincta alumna ostentou na voz muito particular volubidade. Seria prolixo memorar todas as passagens em que a Snr.<sup>a</sup> Lima se distinguia, e só por derradeiro lembraremos a *strètta* do duetto e o hymno final, em que deu provas de grande força de voz e canto.

— O papel de Camões, commettido ao alumno Julio Cesar Galloain Torres, foi desempenhado condignamente, concorrendo n'aquelle moço muitas qualidades relevantes que fazem esperar d'elle um excellente cantor: a voz é do peito, clara, argentina e sufficientemente forte; está muito desembaraçado para os treixos de execução, e mantém-se, sem decahir, nas passagens de andamento vagaroso. Distinguiu-se especialmente na aria, no duetto, cujo andamento cantou mui delicadamente — e no final. Os actores secundarios coadjuvaram perfeitamente os seus condiscipulos: finalmente o desempenho foi digno da opera, do festejo, e das Augustas Pessoas a quem era dedicado.

A orchestra, merece os maiores elogios: accorde em todas as suas partes, bem unida e afinada, sustentando convenientemente os andamentos, e cada qual executando com primor a sua parte. Os solos de violino, violoncello, e clarinètte foram tocados com summa destreza; e em todo o *preludio* se apprimorou tanto a orchestra, que mereceria applausos e louvores ainda dos mais difficis de contentar.

N'esta composição, e no modo porque dirigiu a execução d'ella, deu-nos o Sr. Francisco Xavier Migone, uma prova irrefragavel de grande talento musico unido a consideravel sciencia de composição.

Começa a *operetta* por um bello *preludio* em *dó menor*; preludio que, em nosso intender, tem especial valia, assim pelo bem combinado da orchestração, como pela idea que a elle preside, não falando no gosto e novidade que tanto o fazem sobre-sahir. — E' como um thema, uma epigraphe musica, que ao depois se desenvolve pelo correr da peça; contém logo



no seu começo, um germen, um pensamento (e feliz!) ao qual está subordinada toda a musica que se lhe segue. Essa unidade de pensamento, a que infelizmente dão bem poucos compositores sua attenção, é uma qualidade relevantissima e quasi essencial para o verdadeiro merecimento de uma partitura; o Sr. Migone foi assaz affortunado para a conseguir. — Segue-se o *recitativo* e aria de Camões, cujo andante em *C menor* é de muito mimo, e logo principia por um bello *solo* de violoncello aonde predomina a idéa primaria do preludio, e aonde cabem aos violinos certas entradas, tambem seguindo o preludio, que ao depois se repettem por esse cantabile *In costei &c.* o qual é muito no gosto de Belini. — O romance de Venus, em *B maior* = *La esperanza &c.* é de mui delicada composição, e conforma se bem com a letra; é um trecho de musica proprio a suavizar magoas, risonho como uma esperança, gracioso como um falar de deusa. O *moderato*, no mesmo tom que o romance, não desmerece do resto da aria. — O recitativo e aria de Venus, que se seguem, são obra de muito gosto: um bello sólo de violino precede o recitativo, o qual faz lembrar pelo bem concertado, aquelle que precede a *preguiçera* de Adalgisa no 1.º acto da grande opera de Belini. O andante em *Si bemol maior* é mimoso e bem enfeitado de acompanhamentos assim como a *caballetta*. Outro tanto diremos do duetto que principia em *allegro giusto* com um brilhante acompanhamento de violino obrigado; seguindo-se-lhe um *sustentato* em *B fa* onde se nota grande fluidez de musica, merecendo notar-se a chromatica transicção do canto do tenor para o da dama, transicção feita por violino quasi a solo, e que tem primôr. No *allegro* gracioso nota-se a unidade de que acima falámos; começa como principiára a scena; a *stretta* em *E la-fa* é brilhante. — Da-se principio ao final com um *allegro*: pareceu-nos de bastante novidade. O final é todo rico de instrumentação e harmonia, terminando por um canon ou hymno mui alegre e brilhante.

Tal é resumidamente a *operetta* do Sr. Migone, professor que ainda muito moço, já dá boas esperanças e largas de acrescentar um dia os nossos titulos á gloria musical. Pouco se presta uma cantata ás grandes inspirações; alem de que, a mythologia é essencialmente classica; e ainda assim ousou nobremente o compositor não se limitar aos preceitos escolasticos, e arrojar-se alem da esphera do contraponto. — O gosto que seguiu foi misto do italiano, e allemão: vê-se que Belini, e Mayerbeer foram seus guias, Haydn e Mozart os seus mestres.

## III.

Terminada a primeira parte do divertimento

to no meio de applausos e bravos que nem o respeito devido á presença de SS. MM. podia conter, seguiu-se o primeiro *intervallo*, que foi preenchido por uma simphonia do Professor do C. Francisco Schira, executada pela orchestra com a maior perfeição.

E aqui mencionaremos o que todos notaram: que tam pequena orchestra, incompleta, em tamanho e tam mal construido theatro, pela certeza e precisão com que executava, fazia um effeito quasi pasmoso.

## IV.

## SEGUNDA PARTE DO ESPECTACULO.

## AMOR E PATRIA.

Comedia historica

Por \*\*\*

## PESSOAS.

## ALUMNOS.

D. Jeronymo d'Athaide ..	José da Silva Reis — Alumno do 2.º termo — Decurião de 1.ª Classe.
D. Leonor.....	Maria do Nascimento Barata Salgueiro — Alumna do 2.º t. — Decurião de 1.ª Classe.
Raymundo Guterres....	José Gerardo Moniz — Alumno do 1.º t.
D. Philippa de Vilhena..	Maria José dos Santos — Alumna do 1.º t.
Ramiro Corrêa.....	Cândido J. X. Lopes — Decurião de 3.ª Classe — Alumno do 2.º t.
Custodio Peres.....	Antonio Joaquim Pereira — Alumno (premiado) do 2.º t.
Barnabé Fulgencio.....	Vasco da Gama Cabral — Alumno do 1.º t.
Criado.....	Francisco Caetano Lobo — Alumno do 1.º t.
Outro Criado.....	José Gonçalves Ramos — Alumno do 1.º t.
Notario	N.
Fr. João	} Pessoas que não falam.
D. Francisco Coutinho	

Fidalgos, Damas, Povo, Soldados, Pagens.

Concluido o I.º intervallo, que ainda pertencia á escola de Musica, seguiu-se a de Declamação com es a segunda parte do divertimento, que era toda sua.

O drama, ou comedia historica em 3 actos, segundo com mais exacção se intitula, foi expressamente composto para esta occasião, é verdadeiramente original e portuguez no assumpto, nos characteres, nos costumes, no sabor da linguagem e do estylo.

O enredo é simples e facil. — Terminava



o anno de 1640, e acabava-se aos Portuguezes a paciencia velha de 60 annos com que tinham soffrido o jugo castelhano. Os tumultos d'Évora e de Braga já não podiam deixar no engano o Governo intruso, e assaz lhe diziam o estado da opinião pública. — Todos tinham os olhos no duque de Bragança. Ordens repetidas de Madrid o mandam ir áquella cõrte. — Se váe, todas as esperanças dos Portuguezes estão perdidas. — E' necessario que a revolução rebente, e que Portugal proclame alto e forte a sua liberdade e os seus Reis legitimos.

N'este estado de coisas começa a 1.<sup>a</sup> scena da comedia. Estamos em casa de um certo Raymundo Gutterres, nobre portuguez degenerado, que sordidamente se vendeu ao partido castelhano, vil satellite de Miguel de Vasconcellos o secretario da duqueza regente.

Ao levantar do panno, apparece-nos um mordomo velho da casa, bom portuguez da tempera antiga que, occupado de seus quefazeres domesticos, váe resmungando, como em sua idade e character é natural, sobre o que váe por aquella casa e pelo reino. Chama-se elle o Sr. Custodio Peres (o alumno Antonio Joaquim Pereira) é rabugento e *frondeur*, não pode já aturar aquella casa, e só ali pára, porque a verdadeira dona d'ella é a sua querida D. Leonor que eile creou de pequena, cujo páe, honrado fidalgo portuguez, *estallára* de pena de se ver escravo; e não imaginando que tanto possesse corromper-se o nobre sangue de seu irmão, á hora da morte o instituiu tutor d'esta sua filha, herdeira riquissima e unica de sua poderosa casa. Mas o tutor delapidou a herança, e para não dar contas, fez-se exaltado do partido dominador; tracta o casamento da sobrinha com um Correea, irmão do secretario particular de Miguel de Vasconcellos, e obtem de Madrid um aviso real, que o absolve de toda a responsabilidade e lhe dá por boas e lidimas suas contas *como de seus leaes sentimentos se esperava*.

De tudo isto, e do estado do reino, e de como vão as coisas de casa de D. Leonor e dos dous partidos que estão em presença em Portugal, nos informa mai natural e circumstanciada, posto que rapidamente, a viva e animada exposição do velho mordomo e de um seu joven amigo, que logo entra, o primo de Leonor, o amigo de sua infancia, o esposo que seu páe lhe destinára do berço, a quem ella ama, e que está desesperado com o atroz projecto do tutor.

E' este mancebo D. Jeronymo de Athaide, (o alumno José da Silva Reis) o filho mais velho da celebre condessa da Atouguia D. Philippa de Vilhena, que, por um espirito e coração muito superiores á sua tenra idade, foi admittido ás conferencias dos generosos conspira-

dos de 640; tracta e vive com João Pinto Ribeiro, mas no meio de tudo isso é uma criança, esquece-se ás vezes do supplemento de idade que lhe deram, e doudo de amores pela prima, de ciúmes do seu rival, está a ponto, em varias occasiões, de perder tudo com a idea de salvar a sua Leonor.

Já ides ver esta prima Leonor por quem tanto se revolve aqui tudo. Ella que entra (scena 3.<sup>a</sup> na pessoa da alumna D. Maria Barata Salgueiro;) e com seu espirito, seu juizo, seu enthusiasmo de amor patrio, justifica todos os sentimentos que inspirou.

N'um galantissimo dialogo com o primo, acaba de nos informar cabalmente do estado das coisas; e pode-se dizer exposta a acção, quando o mordomo velho que tem estado de vigia em quanto os primos conversam, accede assustado bradando-lhes que se retirem porque o velho accordou. Eram horas de sesta; Raimundo Gutterres dormia no classico repouso peninsular da sua meridiana, em quanto estas coisas se passavam na ante-sala ou salão grande do palacio.

D. Jeronymo de Athaide váe-se ás ultimas conferencias da conspiração; porque nós estamos em 3 de dezembro de 1640; D. Leonor retira-se á sua camera, e tudo isto á pressa, porque já se ouve tossir o tutor: eil-o ahi vem: fica só Custodio para proteger a retirada dos dous amantes quasi sorprendidos.

Raimundo Gutterres é um typo do seu genero. Sem paixão nem enthusiasmo politico, partidario por interesse, mais vicioso do que criminoso, é um verdadeiro e *feliz* character de comedia politica. N'elle estão personalizados todos os vis Portuguezes d'aquella epocha em que, como em todas,

Alguns traidores houve algumas vezes.

A scena entre Raimundo, que suspeita vagamente as intelligencias da sobrinha com o mordomo, e este que, sem as confessar, lhe váe dizendo, a seu modo, verdades duras e como de quem já se não pode conter: — é cheia de verdade e tem um colorido local, um sabor aos costumes da epocha, certamente notavel e pouco visto nas nossas composições dramaticas.

A segurança com que, na vespera de sua total ruina, este representante do partido dominador, escarnece das que elle chama miseraveis tentativas d'uns poucos de *fidalgos pobertões e de quatro taberneiros de Lisboa*, é caracteristica e denuncia, no quadro, as pincelladas de quem conhece os homens e o mundo, sem o que se não podem fazer comedias nem dramas.

Raimundo tem resolvido casar aquella noite mesma a sobrinha, e manda fazer todos os preparativos; quando a chegada de um d'estes pa-



rasitos que entram em toda a parte, e vêm confirmar ainda mais em seus projectos.

Um tal Barnabé Fulgencio, (o *alumno Vasca da Gama Cabral*) "homem que merenda" sempre seja a que hora for "segundo o descreve o nosso amigo Custodio Peres, vem fazer a sua visita a Raymundo Guterres que lhe pucha pela lingua, e com alguns copos de vinho, o põe em estado de dizer quanto sabe. Não é muito, mas basta para dar pretexto ao mau tio de vexar a innocente sobrinha e despedir o obnoxio mordomo.

Isso se faz. Leonor offendida das suspeitas indignas do tio, diz-lhe toda a sua alma, protesta que não accellará o esposo que lhe querem dar por força. Raimundo está forte com o seu Decreto Real assignado *To El-Rey*, e parte com o noivo para acabar de dispor tudo com o seu protector e com o renegado Miguel de Vasconcellos.

Mas em quanto isto se passa em casa de Guterres, os conspiradores não dormem. O sacrificio de Leonor está decretado para aquella noite; e para aquella noite tambem está preparado, pelos libertadores da patria, o dos seus algozes communs.

No segundo acto, achamo-nos em casa da Condessa da Atouguia D. Philippa de Villera; é alta noite; e a desvelada mãe está á espera de seus filhos, que foram a casa dos Almadras á ultima conferencia dos conjurados. Resolvida ao sacrificio, ella vai expor a vida de seus filhos. Mas a boa portugueza tambem é mãe: estremece-lhe o coração, e não pôde conter as lagrimas involuntarias que a immensidade d'aquelle grande sacrificio lhe arranea do peito.

Os filhos chegam; a reunião de amigos e parentes junta-se: D. Philippa no meio da vasta sala do docel do antigo palacio dos Atouguias, com a espada de seu marido na mão, invocando a memoria de seus antepassados, chamando pelo nome do Salvador, cujo auxilio implora, D. Philippa, verdadeira heroína portugueza dos tempos antigos, exclama com voz solenne: "Meus filhos, vossos avós foram  
" armados cavalleiros nos campos de batalha,  
" por braços de reis, com as espadas de grandes capitães. A vós, criancinhas, é vossa  
" mãe que ainda hontem vos acalentava, vossa  
" mãe que lhe treme o braço, que lhe rebenta o choro dos olhos, que aqui está sus-  
" tida de uma força sobrenatural que ella mesma não comprehende. . . Arma-vos vossa mãe,  
" filhos; e sereis tam bons cavalleiros como  
" os que vos precederam. . . porque eu tenho fé,  
" porque chamo por Deus e vos digo: D. Jeronymo de Athaide, D. Francisco Coutinho,  
" em nome de Deus e de vossos avós, eu vos  
" armo cavalleiros. Tomae esta espada e não

" vos sirváes d'ella senão para defender a religião, a patria, a liberdade do povo, e os vossos legitimis reis!"

E por milagre de patriotismo, e de amor maternal, as duas criancinhas se levantam homens feitos e cavalleiros.

"Esta aurora traz liberdade, meus amigos — brada D. Jeronymo — corramos a encontral-a!" — E partem todos, e n'este entusiasmo, e com os corações dos espectadores sobresaltados todos de quanto ha nobre grande e bello nas sensações e pensamentos do homem, cae o panno no fim d'este 2.º acto.

Voltámos, no terceiro, a casa do traidor Guterres e de sua generosa sobrinha D. Leonor, que, estamos quasi certos de ir ver sacrificar em um matrimonio aborrecido e odioso. D'aqui a duas, tres horas, será salva a patria... e ella, ella que tanto tem chamado, com seus votos, com sua influencia, com tudo quanto pode e vale, por esse dia de gloria — e é muito o que pôde e vale uma conspiradora moça e formosa — ella será condemnada a ver raiar essa bella aurora nos prantos e na infamia!

D'aqui, e d'esta artificiosa suspensão que o A. habilmente collocou entre o 2.º e 3.º acto, como de *rémorra* á catastrophe, d'aqui, dizemos, o interesse do ultimo acto, que aliás o não poderia excitar, porque todos contamos com o desenlace feliz da *parte politica* do enredo, que de todos é sabida.

Em casa do Guterres, agora, vemos o partido contrario, gente de Castella. Está-se aos ultimos brindes de uma ceia splendida: d'alli para a cappella. Pobre Leonor! — E' inutil resistir, clamar, appellar para a piedade d'aquelles homens sem coração. Vão casal-a. . . Um recado do paço, que a toda a pressa chama Guterres e os seus amigos ao gabinete de Miguel de Vasconcellos, suspende a cerimonia. Que será? Partem todos tremendo. Leonor tem um momento de respirar. Deixam-lhe por guarda o parasito do 1.º acto — o Barnabé que está quasi cego e surdo de embriaguez, e que parte não vê, parte não quer ver o que se passa. Custodio aproveita este momento, para vir confortar a sua querida ama, e trazer-lhe salvação. E' o primo, é D. Jeronymo em pessoa que a vem buscar para casa de sua mãe para a pôr em recato.

Escapou a pobre Leonor: inda bem! . . . Mas que arruado é este! vem gente. Tristes de nós! E' o tio que volta. Ja não é possivel: Leonor está perdida, e D. Jeronymo d'Athaide nem sequer poderá morrer combatendo nobremente no meio das ruas de Lisboa pela Liberdade da patria. Ah! morrera vilmente assassinado pelos rufões de Raymundo Guterres. Ja se ouvem os rebates dos sinos, tiros de musquetaria. Foge D. Jeronymo (lhe brada Custodio que



conhece os cantos da casa) foge por aquella escada particular que dá não sei em que lóco, foge e váe com essa espada para onde ha gloria que ganhar.

D. Jeronymo, que ouve o signal da revolução, cede do desejo de castigar o Guterres que em sua cholera de amante alli queria partir de meio a meio, e váe para a grande acção.

Raymundo está como tocado do raio. Que é isto? Que audacia a d'esta gente! — Mas a todo o instante agora chegam noticias de toda a parte. Os sius redobram, o canhão trôa, os brados do povo vão-se approximando. *Viva D. João 4.º viva a nossa liberdade!* resôa de toda a parte. Portugal é Portugal outra vez.

A Condessa da Atouguia, Custodio, todos vem accudindo a celebrar e informar do que váe. Está salva a patria, está salva Leonor. Raymundo fica como morto; até o parasito Barnabé o vem insultar em sua desgraça, e dar-lhe o coice do asno, em quanto de fóra o povo brada. *Morra o traidor Guterres!*

Accódem-lhe os generosos vencedores. D. Philippa suspende as iras populares, e D. Jeronymo dá asylo aos vencidos.

Triumphante, cheio de gloria, chega D. Jeronymo que é para nós, os espectadores do drama, o representante de todos os heroes da restauração. N'esta *concentração* eminentemente dramatica, em nos fazer assistir, a todo o movimento de uma revolução, sem a vermos, seguramente está o principal merito do drama. Batalhas, revoluções e cousas semelhantes assim devem vir ao theatro.

E' felicissimo o pensamento com que a peça conclue; D. Jeronymo abraçado com sua mãe e com a sua esposa ouve as aclamações do povo que da rua o victória e sauda: "Viva D. Jeronymo de Athaide! [dizem elles] — Viva a patria; meus amigos, (lhes responde o mancebo chegando á janella) viva a liberdade! Viva a Casa de Bragança que nos traz a sancta monarchia de Ourique, em que o povo sempre hade amar os seus Reis, porque os seus Reis sempre hão de amar a liberdade!"

Não é facil descrever a explosão de applausos e entusiasticos bravos com que foi accollido este final do drama; nem seria possivel tam pouco dizer a parte que o auctor ou os actores da peça podéram tomar d'elles para si. Vibravam todas as chordas sonoras do coração portuguez em confusa melodia; não se estremavam sons. Contentem-se o poeta e os seus artistas de saberem que assim o fzeram, e não é pouca satisfação.

O drama é uma verdadeira comedia historica: no pequeno ponto episodico do grande quadro da revolução de 1640 em que o actor se collocou, faz reflectir toda a acção, todo o

movimento d'ella. Mais feliz n'esta parte, segundo nessa opinião, do que Mr. Lemercier no seu *Linto*, sem arriscar os grandes caracteres conhecidos da historia, nas leituras de sua imaginação recopilou todos, e mol-os deu concentrados em typos de grande verdade. Nota-se a arte com que nos preparou para fazer de D. Jeronymo de Athaide, que é uma criança, um mancebo capaz de tamanhas empresas. Tem o defeito *absolutamente falando*, de ser pequena a comedia; apenas são esboçados os caracteres; mas vê-se que foi feita para um *estudo de alumnos*, e não para uma representação de actores consumados. Desenvolvida nos seus cinco actos naturaes, deve ficar muito melhor e mais completa.

Continúa a ser segredo o nome do A. Não ousariêmos nós revelal-o. Só repetiremos que não é de pessoa estranha ao Conservatorio. Quem quer que é, sabe a lingua, os costumes e os modos da sua terra e da epocha que tractou.

Não tem *maldições*, nem *infernos*, nem *ferros em brasa*, commove sem berros, excita sem gritarias, faz rir sem obscenidades, indigna sem torpeza: *La mere en permetra la lecture à sa fille*. N'esta parte não duvidamos dal a por modello aos nossos jovens escriptores dramaticos. E' classica esta peça? Não sabemos; tem cousas disso. E' romantica? A espaços nos parece ter vehemencia de acção e de dicção que o não cede aos mais atrevidos da escola.

Quem sabe se o A. será *ordeiro* entre os dous partidos litterarios? Goëthe, que fóra um romantico exaltado, morreu abraçado com a *fé ordeira*: deve de ser boa religião litteraria.

Da execucao pouco diremos. Todos os alumnos, sem excepção, mostraram capacidade e estudo, em graus diversos comtudo, e com imperfeições diversas, que todos tinham as suas: nem outra cousa era possivel na *mais difficil de todas as artes*.

O Sr. Reis tem fogo, sentimento e alma, pronúncia recta, mas um resto de accento transtagano. Precisa modular mais a voz, e perder um resto de monotonia que apprendeu nas declamações ultra-romanticas.

A Snr.<sup>a</sup> D. Maria Salgueiro inculca muita comprehensão, tem força de expressão e energia na voz; mas o infeliz habito de imitar maus modelos, e não abstrahir d'elles para imitar só a natureza, a leva a um semi-canto que não chega, é verdade a ser o antigo canto da velha Rua dos Condes, mas ainda é canto, ainda bate todo em uma perpetua e monotonia chorda, que é o maior defeito de um actor. Esperamos que se desengane e perca cedo este defeito, livre do qual hade ser uma boa e gentil actriz.

A Snr.<sup>a</sup> D. Maria José fez milagres para quem tem apenas alguns mezes d'eschola: pre-



ciza mais alma, mais fôrça, e melhor sustentada a voz.

O Sr. Pereira tem um grande e inappreciavel merito: — foi natural. Não tem boa pronuncia: é confusa; mas não lhe ouvimos erro sensivel.

Não diremos o mesmo do Sr. Moniz (Raymundo Gutterres) que por vezes cahiu em algumas faltas gravissimas de pronuncia: o que é tanto mais para sentir, quanto é um alumno de grandissimas esperanças pela intelligencia que mostra em comprehender cabalmente o seu character difficil: é papel para experimentar o mais consummado centro; e o Sr. Moniz intendeu-o perfeitamente, sobre tudo no I.º acto.

Muito talento e firmeza tem o Sr. Vasco da Gama (Barnabé) mas abusa d'elle; e farão bem os Snrs. Professores do Conservatorio se contendo e dirigindo esta planta tam vivaz, a levarem assim a um crescimento regular e sadio como ella pode ter, se a não deixarem desmandar e perder toda em folhas, que não chegue a dar fructo bem creado.

Os demais alumnos ajudam no seu tanto; e uns e outros merecem louvor: porque é *impossivel*, no curto praso de estudo que tiveram *fazer mais*: o que *fazem* é pasmoso.

Não ha arte mais difficil; tornamos a dizê-lo; nem a da musica. Os Roscios, as Clairons, os Talmas, as Mars, os Keans, as Sydons, contam-se um a um por meos seculos. Por cada cem artistas distinctos nas outras artes, apparece um na dramatica, se tanto. Assim como nas mais ricas litteraturas são poucos os actores dramaticos de primeira ordem, tambem o são os actores. E em Portugal, que não tem ainda um *repertorio* nacional para o seu theatro, é mais difficil ainda o fazer actores. Onde estão os modellos, onde estão os papeis das comédias, das tragedias, dos dramas em que se hajam de fundir *plasticamente*, o rosto, os modos, os habitos do actor? Cuidam que o hão de conseguir jamais com traducções, que por optimas que forem, sempre terão de ser pessimas, porque as não pensou um portuguez com ideas portuguezas, para actores portuguezes, com *estyllo*, *côr*, *verdade*, *tóm* e *sabor* que o artista comprehenda bem, e o público sinta, e se veja viver n'ellas?

Enganam-se. Os actores formam os espectadores, e os espectadores aquelles: mas não o fazem uns nem outros sem dramas seus de ambos: uma coisa traduzida nunca é sua. Por mais bem lavradas que sejam as cartas de naturalisação, não nasceu cá: pôde ter a *protecção* das leis civis (por me servir de uma comparação que não é despropositada) os *foros todos politicos* do theatro, não.

Como alumnos pois, e calculadas ainda a

ram, os da eschola de Declamação do Conservatorio fizeram prodigios, e dão largas esperanças.

Appollo e suas nove bemaaventuradas irmans os livres do mau olhado de exaltada e furiosa bruxa romantica, que, á fôrça de *maldições*, de *infernos*, de *diabos*, de gritarias abominaveis, os façam cahir n'esse monotono psalmejar de blasfemias e improprios que nos vêem ca dizer que é moda em Paris, quando tal não é, quando todo o mundo escarnéce o mau gosto da gente bruta que ainda vae ao theatro da *Porto-St. Martin* assistir a esses espectaculos de Cannibáes. Vamos nós antes aos toiros, que é mais nobre e mais portuguez passatempo, aindaque não muito civilizado, do que a essas orgias em que não se sabe qual é mais grosseiramente violada se a intelligencia ou a moralidade.

## V.

Acabada a comedia seguiram-se umas brilhantes e fortissimas variações de Hertz executadas em piano *a solo* pela Sr.ª D. Thereza de Lima de Carvalho, alumna do Conservatorio, e que, sem a menor duvida, é um dos seus principaes e mais distinctos ornamentos. Extrema volabilidade e certeza de execução, difficuldades inextricaveis expressas com uma precisão mimo e frescôr espantosos, summa distincção e clareza ainda nos treixos de mais despenhada carreira,—eis uma pequena parte do muito que ostentou a Sr.ª Lima! — E, sobre tudo isto, deu alma e expressão ao teclado: — e note-se quão difficil, quão rara é esta qualidade! As variações que tocou versavam sobre a bem conhecida *marcha favorita da Muda de Portici*, e foram levadas em andamento precipitadissimo. — Grande pena foi que um instrumento de mais fôrça e vozes se não houvesse proporcionado, para deixar melhor gosar as passagens delicadas e os *pianissimos*; fazendo tambem ostentar em todo o seu vigor e limpidez os lançes de brilhante execução. Um forte piano franqueou o Sr. Ziegler, que se achou não ser conveniente, e por ultimo reccorreu-se ao piano da propria executora, o qual, postoque muito bom para sala, não comportava a grande capacidade e mais circumstancias de um theatro. — Applausos extraordinarios!

## VI.

No terceiro intervallo deram-nos uma scena composta e executada pelo alumno da eschola de declamação A. da Silva Reis. Um convencido de parricidio, condemnado á morte, está esperando a execução, e desaffoga seus derradeiros remorsos e imprecagões. — Deu o Sr. Reis



novas provas de talento e força n'esta horrora-  
sa scena: mas sentimos, e todos os especta-  
dores lastimaram o objecto que escolheu; in-  
supportavel, repugnante e improprio. Consta-  
nos que, para não desanimar o joven artista, o  
Sr. vice-presidente do Conservatorio previa-  
mente solicitara de SS. MM. a indulgencia ne-  
cessaria para se tolerar em tal dia e por tal oc-  
casião similhante espectáculo.

Tolerado pois, com esse intuito, o Sr.  
Reis havia de conhecer todavia que não acha  
êcho de sympathias verdadeiras entre nós esse  
gosto falso dos maus a francezados; e que é pre-  
ciso não desperdiçar nem derrancar e seu talen-  
to com essas coisas feás e repugnantes.

O Conservatorio deu boa medida: quiz amon-  
toar as provas de seus serviços; não foi pre-  
cisa muita paciencia para lhas ver deduzir; tam  
bellas foram todas!

VII.

Foi o ultimo intervallo preenchido com umas  
variações de rebecca e piano compostas por  
*Osborne* e *Beriot* e executadas pelo Sr. João  
Ziegler alumno do conservatorio e pela Sr.<sup>a</sup>  
D. Thereza de Lima de Carvalho. A' rebecca  
pertencia a maior parte limitando-se qua-  
si o piano a um complicado acompanhamento  
e algumas entradas. Sobre o merecimen-  
to musico em que tanto sobre-sáe, mostrou ain-  
da a Sr.<sup>a</sup> Lima a sua modestia e bondade,  
prestando-se a acompanhar quasi secundaria-  
mente outro instrumento: assim, pareceu ava-  
lial-o devidamente o joven rebequista, envidan-  
do todos os esforços, para que a sua execução  
correspondesse á do piano; e conseguiu seu no-  
bre fim desempenhando muito bem as tam diffi-  
ceis variações.

VIII.

PARTE TERCEIRA.

**BELLA, RICA E BOA,**

OU AS TRES CIDRAS DO AMOR.

Dança em 2 actos

Composta pelo Director Francisco Jork: e pos-  
ta em musica pelo Professor João Jordani.

PESSOAS DA DANÇA

ALUMNOS

(todos do 1.º termo).

A Madre Celestina incan-  
tadora, fada boa, pro- }  
fectora do } Francisca Leonides.

Príncipe Altamiro. . . . .	João Jacinto Ribeiro.
Barbudona, bruxa má in- miga do Príncipe.	Adelaide Christina.
Bella. } Princesas incanta- Rica. } das dentro das tres Boa } Cidras do amor.	Maria Luiza. Maria da Gloria. Judith Rugali.
Pagens . . . . .	Bernardo da Silva. Francisco Apparçido. Pedro Monteiro.
Camponezes . . . . .	Daniel dos Santos Henri- ques. Manuel Evangelista dos Santos. Domingos d'Assiz Trava- ses.
Camponezas . . . . .	Angelina Perneti. Anna Jacintha. Christina Julia Brites. Ritta Maria
Sequito do Principe . . . . .	Rosa da Conceição. Maria Henriqueta. Anna Henriqueta. Margarida de Cortona. M. <sup>a</sup> da Conceição d'Arosa Amelia Perpetua. Angelo Montani. José Elias.

VII.

Váe larga a montaria: os gritos dos caçado-  
res, os latidos dos libréos, e o reclamo da bu-  
sina venatoria fazem um concerto fero e rispido,  
mas nobre e grato a corações de mancebos ge-  
nerosos. Rebôam os montes do arredor; deixam  
os innocentes passarinhos o suavissimo gorgeio  
e fogem a esconder-se no mais denso dos bos-  
ques; a timorata lebre se cóse com a terra; e  
das margens do puro arroio, em cujo espelho  
mirava vaidoso as ramosas pontas e elegante  
collo, arranca o gamo tão veloz carreira, que  
n'um instante desaparece. — Fôges em balde;  
já os dardos te silvam aos appovados ouvidos!  
Ahi vem o mais agil e dextro de quantos ca-  
çadores se conhecem! E' o principe Altamiro.

Cáhem-lhe as honras da caçada; e todos o  
applaudem do coração; porque é um principe  
que reúne a mil dotes de corpo e do espirito,  
ontros muito mais preciosos — os d'alma e do  
coração! — Foram estes ultimos que lhe acarea-  
ram a valiosa protecção de uma fada, cujo des-  
tino era a bondade e a virtude, e cujos desejos  
eram escudar os que a imitassem: chamava-se  
ella, a nessa amiga da infancia, a *Madre Ce-  
lestina Encantadora*. Mas assim como neste ter-  
rêno mundo, tambem há na eth'rea mansão das  
fadas ha invejosas rivalidades: como que não,



querendo desmentir-se de reino feminino: o certo é que a boa e formosa fada Celestina tinha por inimiga e rival a fada *Barbudona*, cujo destino, pelo contrario, era perseguir a virtude. Está visto que havia de ser inimiga do nosso herói.

No meio pois dos designios do principe, eilha que váe erguer uma tempestade tam medonha que dispersa todos os monteiros e lédos camponeses.

Mas a Madre Celestina é mais poderosa que a rival; conseguiu portanto immediatamente serenar a borrasca; e passado pouco tempo, para experimentar se o joven principe era com effeito digno da sua protecção, disfarçada em pobresinha lhe váe pedir uma emola por charidade. Dá-lhe o principe a unica cousa que alli tem, um riquissimo anel, e a boa fada, dando-se a conhecer, o louva pela sua beneficencia, e lhe dá em remuneração *as tres cidras do amor*; n'uma está a belleza, na segunda a riqueza, e na ultima a bondade. Escólha; mas não as abra senão ao pé d'uma fonte, pois que do contrario lhe viriam pezares.

Tudo promettêra o principe; porém a curiosidade venceu promessas, e a posse do amor e da belleza lhe parece compensação sobeja para as maiores desgraças, — ja as duas primeiras cidras foram abertas, ja perdeu duas tam lindas tam encantadoras virgens, que o coração se lhe parte; quasi succumbe á dor que o atormenta, quasi amaldiçoa um dom que se lhe torna tam funesto. — Oh! não amaldiçoas tua sorte, não maldigas o que por inconsiderado tens perdido! Ainda te resta uma cidra do amor, e se por tua imprudencia perdeste a *belleza* e as *riquezas*, ainda te resta a melhor cidra; ainda te fica a da *bondade*, que te ressarcirá a perda das outras! — Palpitante de esperanza e de temor busca o principe uma fonte, e abrindo a ultima cidra vê surgir a mais bella, a mais formosa, a mais encantadora virgem que nunca olhos humanos tinham visto: é a encantadora princeza Boa, que, lançando-lhe os braços ao collo, exclama, como as outras: *Dá-me agua, senão morro!*...

Aqui a *prudencia* salvou a *bondade*. A princeza bebe e vive. Mas a admiração, o pasmo, o embevecimento do principe não ha pintal-o: com um enlévo, com uma emoção, com um amor que de todo o rosto lhe trasborda, contempla o angelico semblante da que tem defronte. Os olhos da mui donosa virgem espiravam modestia e abandono, assustada ternura e voluptuosissimo pejo. Offerece-lhe o principe o coração e lhe põe no dedo o anel nupcial.

Não poude *Barbudona* tolerar tamanha felicidade em par tam innocente e bello, que de mais a mais era protegido pela boa fada Celestina:

apresentando-se pois á formosa donzella, consegue por más artes roubar-lhe o anel introduzindo-lhe no ouvido o *classico* alfinete de bruxa que a transforma em nivea pomba, desprendendo arrebatado vôo. — Chegava o principe, que cheio de alvoroço com o consentimento do pae, vinha desposar aquella que tanto adora: rodean-o os amigos anciosos de verem o portento de belleza e maravilha com que o céu quiz premiar as virtudes do principe; mas que vêem elles! Oh é impossivel, clamam todos horrorizados!... — Uma mulher hedionda, foi o que viram... e tem no dedo o penhor dos juramentos do principe! Como acreditar similhantes juramentos, tão inconcebivel amor?

O desespero, a afflicção do principe, não ha descrevê-lo. Serão estas as promessas de Celestina? será esta a recompensa de suas virtudes? Oh que é mui difficil prova! Mas o principe não se arrepende da sua virtude e se geme é porque é um pobre mortal.

Uma pomba que vôa e revôa tam languidamente como se estivesse ferida por despiadado caçador, parece acompanhar com sentidos arrulhos os gemidos do principe: vae ella pouco e pouco acercando-se, até deixar-se animar do terno amante, que descobrindo o alinete encantado, o arranca, e quasi morre de prazer e jubilo ao receber nos amerosos braços, a tam cara, tam formosa, e tam pranteada esposa.

A fada Celestina, que então apparece, exproba a *Barbudona* suas perversidades, e infamias; abraça os esposos, e lhes affiança no porvir as maiores venturas, convidando os circunstantes a festejarem por todos os modos o virtuoso principe, e a princeza que é ao mesmo tempo *bella, rica, e boa!* — Seguem-se os bailados que são lindissimos.

Este bailête que é todo executado por alumnos do Conservatorio ainda tam jovens que o mais velho apenas contará doze annos, é desempenhado por tal arte, que espanta: aquelles composinhos tão tenros e delicados, aquelles peitos tam infantis, aquellas fronteas tão descuidosas, mostram á universal admiração, o mimo e graça dos sentimentos, a melancholia, o desespero, ou inefavel jubilo!... Não podêmos deixar de especialisar em quanto á mimica as jovens a quem foram confiados os papeis de *boa e má fada*; mas a engraçadissima Judith Rugali é quem principalmente se fez admiravel pelas muitas e variadas prendas, de que se ostentou adornada tanto na pantomima como na dança, mas principalmente n'esta que executou com um abandono e voluptuosidade incompreensiveis. Não esqueceremos mencionar uma pequenina, que talvez não cõnte ainda cinco annos de idade, e que fez muito mais do que nunca poderia esperar-se. Finalmente guardámos pa-



ra ultimo logar o joven Ribeiro (o principe); porque é evidente que a elle eram applicaveis em toda a sua extensão, as observações que em geral fizemos ácerca do merito dos interessantes meninos que tantas esperanças dão, e ja tantas realizam: basta dizer que o joven Ribeiro é a perola de todos elles, e que mostrou, no desempenho do papel do virtuoso apaixonado principe, um talento que produziu geral admiração. Todo o bailêtte foi coberto de applausos extraordinarios, e até nos mais refractarios e desdenhosos animos, n'aquelles que tam empenhados sollicitaram um convite para ir criticar pobres crianças desvalidas e sem presumpção, até n'esses fez recuar dos labios a censura malevola.

A musica das *Tres Cidras* foi expressamente composta pelo distincto professor do Conservatorio o Sr. J. Jordani que por certo deu mais uma prova do seu reconhecido merecimento. E' muito propria do assumpto, cabendo menção especial, á que tem logar com a tempestade, e á que imitava tam sentidamente os queixosos arrulhos da misera pombinha.

Com toda a ingenuidade damos ao Sr. Jork cordeacs parabens pelos felicissimos fructos que seus discipulos cõhem de suas excellentes lições, pelo bem concertado d'esta producção mimica, e por se haver tam feliz e judiciosamente inspirado em nossas legêndas nacionaes; que bem parece ter lido, e saboreado aquelle insigne poeta que tam donosamente exclamou:

Vivam as fadas, seus incantos vivam,  
Nossas lindas ficções, nossa ingenhosa  
Mithologia nacional, e propria!

Tães foram, em resumo, as festas do Conservatorio que terminaram pelas duas horas da manhan; SS. Magestades estiveram ate ao fim de todo o espectáculo, mostrando por esse modo quanto é o seu apprêço pelas bellas-artes portuguezas, e quanto souberam avaliar as diligencias, esforços e fadigas que tam bellos resultados produziram: — resultados espantosos! — Mais espantosas ainda as difficuldades de todo o genero que se superaram; mais extraordinarios mil vezes os tropeços que se venceram; mais e muito mais louvaveis, a sollicitude, actividade, zello e bom grado, com que todos, desde o incançavel V. Presidente do Conservatorio até ao mais rasteiro empregado do mesmo estabellecimento, desde o decano dos professores até ao mais joven dos alumnos, todos poseram hombros a tal empreza. — Não sacrificamos a lisonjas, e as nossas palavras são verdadeiras e desenganadas: — outro que não fõra o Snr. ALMEIDA GARRETT houvéra succumbido a tantos e tam gigantescos estõrvos; teria recuado ante embaraços que se apparentavam invenciveis; e quando fõra de animo forte, ainda pertinaz, começaria por ventura tam ardua tarêfa, mas no meio do cãminho cançaria, e a si proprio chamaria insensato por haver começado.



**LISBOA :**

Na Typographia da Academia das Bellas Artes

Rua de S. Joze N.º 8.



